

# Poéticas de uma casa povoada em sua solidão

Poetics of a populated house in its solitude

Poéticas de una casa poblada en su soledad

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2023v41n87p81-96>

TIAGO AMARAL SALES<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em meio à solidão de uma casa em tempos pandêmicos, aguçar o olhar para ver a vida que nela habita pelas virtualidades, ler as ausências-presenças, registrar afetos e desejos, criando multidões em coexistências. Eis um arquivo de vivências do início da pandemia de covid-19.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desejos e afetos; cartografia; ausências-presenças; pandemia; vida.

**ABSTRACT:** Amidst the solitude of a house in pandemic times, to sharpen your eyes and see the life that inhabits it through virtualities, read the absences-presences, register affections and desires, creating crowds in coexistence. Here is an archive of experiences from the beginning of the covid-19 pandemic.

**KEYWORDS:** Desires and affections; cartography; absences-presences; pandemic; life.

**RESUMEN:** En medio de la soledad de una casa en tiempos de pandemia, agudizar tu mirada para ver la vida que la habita a través de virtualidades, lee las ausencias-presencias, registra afectos y deseos, creando multitudes en convivencia. Aquí hay un archivo de experiencias desde el comienzo de la pandemia de covid-19.

**PALABRAS CLAVE:** Deseos y afectos; cartografía; ausencias-presencias; pandemia; vida.

1. Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU).

Após uma noite oniricamente movimentada, acordo em um quarto silencioso. Eram sonhos turbulentos de quedas sem fim que passavam por hospitais, praias, aviões, escolas, corpos, misturando-se com memórias delirantes, em saudades, ausências, medos e desejos. Estes afetos, pouco a pouco, dão espaço para um corpo que tenta se localizar no território-lar. Nos silêncios ecoam vozes. Narrativas em sinfonias povoam uma casa pela manhã em sua aconchegante e ensurdecadora solidão.



Imagem 1 – Cama povoada em sua solidão – Fonte: Registro do autor realizado em 2020

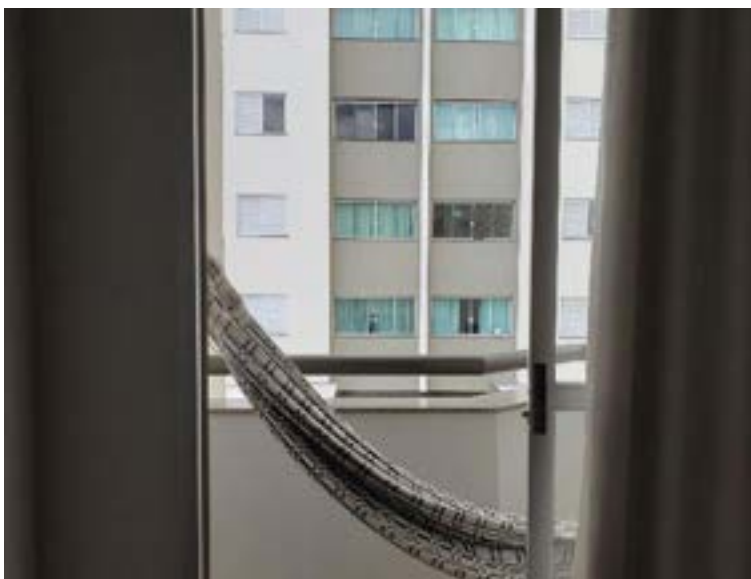
Inspirado no ensaio fotográfico do artista Paulo Buenoz (2009), me coloco em movimentos de registrar a minha cama por alguns dias após o amanhecer e antes de nela apagar os vestígios da noite. Me sinto um pouco como Paulo, cobaia de um experimento que não sei bem o que é. Gravo alguns olhares sem rigidez metodológica de frequência e nem de horário. Ocasionalmente, faço a maioria das fotografias bem cedo, pois a insônia e o desejo de mudar de sonho me despertam junto do amanhecer que anuncia o retorno do astro rei.



Imagem 2 – Na companhia das sombras – Fonte: Registro do autor realizado em 2020

Quantos corpos habitam uma solidão? Quantas companhias povoam um território-lar em tempos pandêmicos? Haverá saída que dê vazão para estes povos que coabitam em meio aos medos e às imprevisibilidades virais?

*Quantos somos? Quantos podemos ser?  
Quantos de mim e quantos de nós?  
Paulo Buenoz (2009, p. 268)*



*Imagem 3 – Paisagens – Fonte: Registro do autor realizado em 2020*

Em meio às ausências, presenças. Em meio aos vazios, cheios. Vidas que emergem e preenchem uma casa em cores, sons, intensidades. Povoam em meio à saudade. Fazem companhia na solidão. Participam da instauração de outras solidões, de outros modos de estar comigo, de viver e encontrar com o outro. Solidões que deslocam e também misturam noções e percepções de eu e de outro.



Imagem 4 – Paisagens oníricas – Fonte: Registro do autor realizado em 2020

A cama amanhece todos os dias diferente, mesmo que com um certo padrão: parte descoberta e parte coberta. Em alguns dias, adentro mais o território vazio de uma ausência instaurada por escolhas e medos contagiantes. A superfície-cama forma paisagens em sinuosidades, relevos-memórias e intensidades-desejos. Talvez não exista nada de vazio ou ausência ali: ela está cheia em suas presenças, mesmo que virtuais. Eis a sutil capacidade de ler o mundo que me cerca e grafar a vida que me resta.



Imagem 5 – Saudades borradas – Fonte: Registro do autor realizado em 2020

Em meio aos lutos, lutas para manter-se são. São e salvo? Presenças e ausências borram-se. Uma vida em contato com as suas fragilidades. Ouço vozes das memórias, lembranças de outros tempos. Registro o que me acompanha. Uma porta se abre nos reflexos. Para onde este caminho aberto pode me levar? Ou melhor, para onde posso ir com estas aberturas que forjo a todo momento?



*Imagem 6 – Portais – Fonte: Registro do autor realizado em 2020*

Um feixe de luz penetra a casa, me faz companhia e lembra que é dia. Contaminado por afetos que atravessam o corpo em intensidades, procuro incessantemente a vida que habita proximamente, que convive, coexiste e faz companhia ao que apresenta-se como deserto. Ver a vida que habita o deserto pandêmico e, junto dela, sonhar. Ver a vida em forças, fragilidades, fraquezas, franquezas e intensidades.

*Como então preservar a capacidade de ser afetado senão através de uma permeabilidade, uma passividade, até mesmo uma fraqueza?  
E como ter a força de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força?*  
Peter Pál Pelbart (2016, p. 32)



Imagem 7 – Nada(r) no possível – Fonte: Registro do autor realizado em 2020



*Todos existem, mas cada um a seu modo.*

David Lapoujade (2017, p, 14)

Permaneço atento às existências mínimas que me fazem companhia e também à minha vida. Como tenho existido? Quem coexiste comigo?



*Imagem 8 – Outras paisagens – Fonte: Registro do autor realizado em 2020*

Uma sombra, um reflexo. Um corpo, uma vida. Vazios, silêncios. Pausa. Espaços. Paisagens, cartografias ...

*Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta:  
ela é potência completa, beatitude completa.*

*Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos.*

*Uma vida não contém nada mais que virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades.*

Gilles Deleuze (2002, p. 12, 14, 16)



Imagem 9 – Companhias mais que humanas – Fonte: Registro do autor realizado em 2020

Seres habitam o chão e mantêm-se de olhos abertos 24 horas por dia. Atentos, me protegem dos perigos de um mundo que parece tão inóspito, afastando outras formas vivas que possam atrapalhar nossas coexistências.



Imagem 10 – Noite inquieta – Fonte: Registro do autor realizado em 2020.

A cama testemunha uma noite inquieta, mas não demais para bagunçá-la totalmente. Metade desarrumada, metade arrumada. Partes disformes, movimentos esquizos. Lá estava ela: totalmente marcada, seja pelas presenças ou pelas ausências. Lá estava eu, vivo. Em tempos de distanciamento, as ausências são presenças e preenchem toda a casa. Travesseiros, cobertor, lençol e virol fazem companhia para um corpo que delira em sonhos, sonhos e mais sonhos. Anseia uma travessia.

*De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho.*

Ailton Krenak (2019, p. 48)



Imagem 11 – Apontar direções imprecisas – Fonte: Registro do autor realizado em 2020

*Neste momento, a terra está cheia de refugiados,  
humanos e não humanos, e sem refúgios.*  
Donna Haraway (2016, 2)

Os tênis opostos à porta buscam um refúgio no casulo-casa na medida em que anunciam um corpo que, ao chegar do fora-perigoso, despe-se para evitar qualquer contaminação exterior possível. Casulo, pois, longe de ser prisão, o lar é território de proteção e aconchego. Densamente povoado, acolhe e tem me dado muitos frutos para colher hoje e em futuros possíveis. Próximos à porta, os calçados anunciam a entrada em território seguro. Quem tem um lugar para se abrigar?



*Imagem 12 – Mesa cheia em seu vazio – Fonte: Registro do autor realizado em 2020*

A mesa, com suas cadeiras, me lembrava de momentos que nem existiram, de histórias ainda não escritas, de cartografias traçadas nos desejos de encontros, de companhias que, mesmo não estando ali, se faziam presença. Corpos-humanos ausentes dão espaço para corpos-máscaras, anunciando que há perigo na esquina. Máscaras que, acopladas ao meu corpo, me protegem. Deixo-as descansando enquanto estou no casulo-casa. Assim como eu durmo, elas também merecem pausas para recuperar as suas forças enquanto expurgam quaisquer microvidas que possam nelas impregnar.



Imagem 13 – Acordar em um sonho azul – Fonte: Registro do autor realizado em 2020

Em insônias, despertar. Em cansaços, abrir a janela e ver a vida que habita lá fora. Acompanhar o nascer do sol, as mudanças de temperatura e luminosidade do dia que dizem estar começando, mas, na verdade, nunca parou. Deixo-me poroso para um mundo que me infecta, que me faz outro, que me metamorfoseia. Um mundo que eu sou e também fujo. Um céu, em devir-azul, com sua delicadeza, fragilidade e impermanência, me afeta em calma e força, preenchendo todo o espaço, me lembrando que estou vivo e que ter paz é possível.



Imagem 14 – Cotidianos e outras marcas – Fonte: Registro do autor realizado em 2020

Pouco depois, uma luz adentra o quarto. As camadas-contorcidas são lembranças de uma noite inquieta de sonhos-delírios, mas também de descanso. A luz-do-sol penetra o lar e força uma esperança contagiante de que outros mundos são possíveis agora. E eu sigo.

#### REFERÊNCIAS

- BUENOZ, Paulo L. CorpoCobaia e o Caderno das Contaminações. **Bagoas: Revista de Estudos Gays: Gênero e Sexualidades**, v. 3, n. 4, p. 233-270, 2009.
- DELEUZE, Gilles. A IMANÊNCIA: uma vida.... **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 10-18. 2002.
- HARAWAY. Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAPOUJADE, David. **Existências Mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

#### SOBRE O AUTOR

**Tiago Amaral Sales** é professor adjunto nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Pós-doutorando em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU).

*E-mail:* [tiagoamaralsales@gmail.com](mailto:tiagoamaralsales@gmail.com).

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>.

*Recebido em 01 de janeiro de 2023 e aprovado em 18 de março de 2023.*